



AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: UM RELATO DA VIVÊNCIA DE BOLSISTAS DO PIBID LETRAS/ARAPIRACA

Eixo temático: Profissão docente e formação de professores

Bruna Marques

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

brunamarques16@gmail.com

Melissa Cordeiro

UFAL

melissacordeiro@hotmail.com

Vanessa Tavares

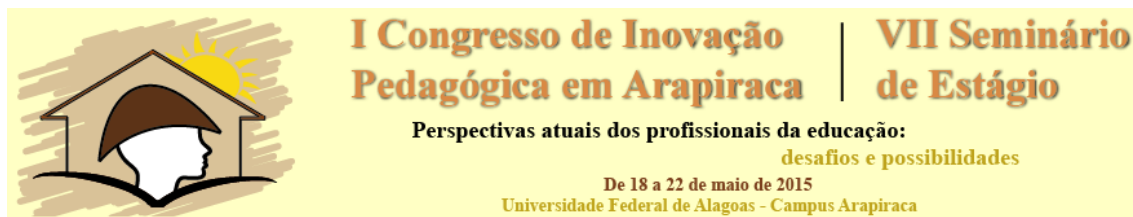
UFAL

vanessa.ufal@hotmail.com

Resumo

Neste trabalho, propomos um relato da nossa trajetória no Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no curso de Letras - Português, do campus Arapiraca, que perpassou pelos subprojetos “Leitura em foco: a formação de leitores literários no ensino de língua portuguesa”, de 2012 a 2013, e “Formação de leitores: A busca de proficiência em textos literários e não literários”, durante 2014. As atividades foram desenvolvidas na Escola Estadual Prof^a. Izaura Antônia Lisboa (EPIAL) e Escola Prof. José Quintella Cavalcanti (EQC), situadas na cidade de Arapiraca. Para alcançar nosso objetivo, pretendemos explanar um pouco sobre a proposta dos subprojetos e como se deu seu funcionamento. O contato dos alunos de licenciatura com a realidade escolar ainda na graduação, proporciona um olhar mais atento do futuro profissional as nuances e desafios encontrados em sala de aula. A partir desse contato, os discentes podem usufruir da formação que o programa lhes oferece através dos coordenadores, assim como da experiência dos supervisores, que abrem suas salas de aula para dividir conhecimentos e desafios. O ponto alto deste texto é o olhar dos envolvidos sobre o projeto e a identificação dos impactos causados pelo mesmo. Destacamos a contribuição do PIBID para a formação do aluno da Educação Básica, a formação docente do graduando-bolsista e a formação continuada dos professores supervisores e coordenadores.

Palavras-chave: Formação acadêmica. Docência. PIBID.



1. INTRODUÇÃO

As crises abordadas por Castilho (2011) apresentam as seguintes questões: a crise social, que se dá com o processo de urbanização que acarreta em alunos mal adaptados à cidade; a crise científica, em que a língua que era vista como homogênea, agora passa a ser discutida de maneira diferente pelas novas teorias; e a crise do magistério, que acontece com a desvalorização do professor e a formação deste de forma conservadora, bem como os problemas vivenciados na educação que fazem com que a profissão docente sofra desvalorização. Nesse sentido, faz-se necessário um olhar especial as questões relacionadas a formação docente.

Um dos pontos que fortalecem essa formação é o contato direto com sala de aula. Esse contato é proporcionado por dois instrumentos presentes na academia, o primeiro é o estágio supervisionado estando presente na emenda do curso, o segundo é o PIBID. A prática em dois subprojetos do PIBID, enquanto graduandas de Letras, nos proporciona a escrita deste trabalho que é desenvolvido a partir do relato das experiências vivenciadas por professores e alunos da escola de ensino básico e os bolsistas e coordenadores do programa.

O PIBID é fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e contribui em parceria, com instituições de Ensino Superior, para a melhoria da educação de forma geral já que envolve: coordenadores (docentes do Ensino Superior), professores supervisores (docentes da Educação Básica), graduandos-bolsistas e alunos da Educação Básica.

O contato com a sala de aula proporciona aos discentes a oportunidade de avaliar e rever as práticas de ensino, auxiliando na formação dos futuros professores. Reunir a teoria estudada durante o curso de licenciatura à prática de observação, permite aos discentes manter contato com o ambiente de trabalho mesmo antes do término de sua formação. Sendo assim, com esta aproximação entre a teoria e a prática, o licenciando pode avaliar se realmente se identifica com a profissão escolhida.

2. OS SUBPROJETOS

Nossa experiência com o PIBID coincidiu com o primeiro contato que o nosso curso teve com este programa, uma vez que fizemos parte da primeira turma do curso de Letras do



campus Arapiraca. Justamente por ser o início de tudo, inclusive a formação do quadro de professores, o PIBID Letras chegou ao nosso campus através da Prof.^a Dr.^a Eliana Kefalás que atua na Faculdade de Letras (FALE) no campus A. C. Simões, em Maceió.

Intitulado “Leitura em foco: a formação de leitores literários no ensino de Língua Portuguesa”, o primeiro subprojeto teve início em agosto de 2012 a janeiro de 2013. O principal objetivo era realizar discussões teóricas e experimentações metodológicas acerca do ensino de língua portuguesa na educação básica, tendo como ênfase a formação do leitor literário no nível do ensino médio.

Os 10 bolsistas selecionados foram divididos em três grupos, cada um sob a supervisão de uma professora atuante em alguma das escolas parceiras. Um grupo atuou na EPIAL e os outros dois atuaram na EQC. Ressaltamos que, desde o início, o projeto foi bem recebido nas escolas, tanto pelos professores, coordenadores e diretores, quanto pelos alunos. Acreditamos que esta recepção foi peça-chave para o bom desenvolvimento do subprojeto.

Em Maio de 2013, a coordenação do nosso subprojeto passou das mãos da Prof.^a Eliana Kefalás para as mãos do Prof. Dr. Marcelo Marques, que havia acabado de chegar ao campus para integrar o quadro de professores do curso de Letras. O professor Marcelo foi recebido com bastante afeto e trabalho, pois as atividades como coordenador do PIBID Letras iniciaram antes mesmo que suas primeiras aulas.

Nosso trabalho consistiu na observação das atividades desenvolvidas pelas supervisoras nas escolas e pela proposição de outras atividades a partir das discussões do grupo. Os subprojetos previam interpretações de leituras literárias e não-literárias para além da sala de aula, enquanto bolsista deveríamos entender em quais pontos poderíamos intervir para que o contato do aluno com o texto não parecesse distante a sua realidade, tendo em vista que o aluno precisa se situar no universo escolar.

Segundo Morin (2011);

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.

Entendemos que a sala de aula e suas discussões devem estar atreladas às realidades vivenciadas pelos alunos e suas inquietações humanas. “A escola, como qualquer outra



instituição social, reflete as condições gerais da vida da comunidade em que está inserida” (ANTUNES, 2003, p. 20). Esta percepção nos mostrava o desafio de encarar a sala de aula como um verdadeiro laboratório, em que, enquanto compartilhamos dos desafios do professor/supervisor que deveria passar todo o conteúdo programado pela escola, tendo que levar em consideração que os alunos da sala assimilariam o assunto ao mesmo tempo, em meio a um calendário curto e preenchido, tentávamos incluir práticas de ensino diferenciadas, tendo em vista “quebrar o gelo” presente muitas vezes em sala de aula.

Uma dessas atividades foi uma oficina que objetivou deslocar um pouco a noção de que o livro é o único suporte da poesia. Noção esta derivada, provavelmente, da centralidade da escrita em nossa sociedade, o objetivo era propor que os estudantes fizessem seus próprios poemas e assim pudessem expressar suas particularidades. Os alunos demonstraram estar à vontade com a proposta, alguns foram além do texto escrito e apresentaram também fotografias.

Figura 1- Aluno produzindo poesia.



Fonte: Autor.

Encerrada a primeira experiência, em março de 2014 veio a renovação da proposta com o subprojeto “Formação de leitores: A busca de proficiência em textos literários e não literários”. Desta vez, foram selecionados 20 bolsistas e o prof. Dr. Elias André dividiu a coordenação com o prof. Marcelo, respectivamente responsáveis pelos textos não literários e literários.

Uma das intervenções realizadas em turmas do 1º ano do ensino médio foi auxiliar os alunos com o uso do dicionário, uma vez que poucos da turma sabiam utilizá-lo. O gênero era



um texto não literário, em que os alunos tinham que corrigir seus próprios textos. Ao observar o que tinham escrito e procurar a grafia das palavras, alguns diziam que usar o dicionário não era tão fácil como parecia e outros falavam que sabiam a grafia correta, mas que por pressa ou falta de atenção faziam “de qualquer jeito”.

Cada intervenção dos bolsistas, na sala de aula, era planejada antecipadamente em parceria com os coordenadores nos momentos de reuniões ou oficinas, em seguida a proposta era apresentada à professora supervisora que aprovava de imediato ou fazia algumas modificações.

Durante a execução dos subprojetos, os bolsistas tiveram a oportunidade de participar de outras atividades formadoras e disseminadoras da experiência, como o II EPIBID; o Letras no Palco, evento organizado pelo curso de Letras da UNEAL; o Caiite e o Encontro de Iniciação à Docência da UFCG.

3. OLHAR PIBIDIANO

Este trabalho não foi feito por bolsistas que integraram o mesmo grupo, mas que atuaram em grupos diferentes, com supervisoras diferentes. No entanto, nossa proximidade como colegas de turma e os momentos de reuniões, nos permitiram compartilhar frequentemente nossas experiências e até mesmo com que uma opinasse nas intervenções a serem realizadas pela (s) outra (s). No final da nossa trajetória no programa, resolvemos fazer um balanço de tudo, recordar e discutir o que tínhamos vivenciado e colocar no papel. O resultado é o que estamos apresentando.

Um dos aspectos que demonstram a importância de programas como o PIBID na formação docente são os relatos dos alunos e professores da escola de ensino básico, dos bolsistas e dos coordenadores do programa. A experiência relatada a partir de quem a vivenciou comprova como trabalhos levados a sério podem render mudanças significativas ao processo de formação docente. Por isso, apresentamos alguns trechos de relatos dos integrantes do PIBID Letras/UFAL, recolhidos durante o processo de desenvolvimento dos subprojetos.



3.1 O olhar da coordenação

Marcelo Ferreira Marques:

“No que tange ao coordenador, recém-chegado ao campus, seu início de carreira não poderia ter sido mais rico: exercitar hipóteses e experiências com o ensino de literatura resultou na impressão de um curso intensivo, em que laboratório e campo se misturaram constantemente. Em suma, a tônica dos impactos nas práticas dos participantes do projeto é o cruzamento e a troca multidirecional em constante movimento”. (Coordenador do PIBID Letras/UFAL)

3.2 O olhar da supervisão

Magna Cristina de Oliveira Silva:

“As experiências com as práticas inseridas em sala de aula com as atividades de Língua Portuguesa, especialmente no que concerne aos títulos voltados à Literatura, causaram alguns impactos em minha docência. Toda a riqueza metodológica e contextual no trato com a literatura passou a ser vista como algo mais prazeroso na aquisição de tais conhecimentos, e conseqüentemente à vivência com a realidade dos alunos e da professora. Vivemos juntos no espaço da sala de aula, professora supervisora, bolsistas Pibid e alunos, uma verdadeira troca de conhecimentos.” (Professora supervisora na EQC)

3.3 O olhar dos bolsistas

Melissa Cordeiro:

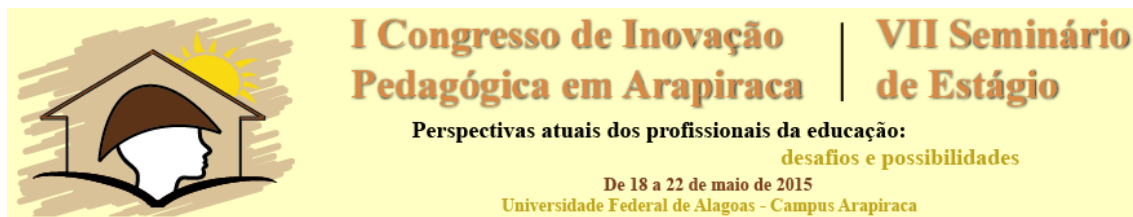
“Desde o início, nosso subprojeto foi bem recebido pela coordenação da escola, pela professora supervisora e pelos alunos. Isso foi bastante importante, pois pudemos contar com a participação espontânea dos alunos durante as aulas e atividades realizadas. Para alguns bolsistas, o PIBID proporcionou o primeiro contato com a sala de aula. Apesar das intervenções, não estávamos lá como professores e isso nos colocou em uma posição confortável que nos aproximou mais dos alunos.” (Aluna bolsista)

Bruna Marques:

“O PIBID oferece ao aluno de licenciatura manter o primeiro contato com a sala de aula no papel de um observador, percebendo a sala de aula como um laboratório. Esse laboratório nos permite não só analisar como ser analisados a partir de nossas observações”. (Aluna bolsista)

Luciano Bertulino

“[...] tudo é bem mais vivo quando se está na academia e na escola ao mesmo tempo. Principalmente os lugares. Eles não são tão bem definidos quanto eu pensei (ou me levaram a pensar). As aulas podem não ter, necessariamente, um final. Uma aula pode muito bem dialogar com outras aulas. Os estudantes podem ser mais que estudantes. Eles podem ser artistas, esportistas, entre outras possibilidades. A escola pode igualmente ser mais que meu local de trabalho. Ela pode ser meu local de lazer, de expressão de culturas, etc.” (Aluno Bolsista)



3.4 O olhar dos alunos da Educação Básica

N. A.:

“Foi de extrema importância e de grande proveito a participação do PIBID na nossa vida escolar, necessariamente falando no ensino médio, porque foi um complemento na aprendizagem de determinados assuntos, nas diversas formas de apresentar o conteúdo em questão. Pois a prof. [sic] sempre pede um complemento a vocês quando está explicando literatura e vocês vem com exemplos diferentes para ajudar-nos a compreender melhor. Sempre muito proveitosa a participação de vocês em cada aula”. (Aluno do 3º ano médio na EQC)

É notável que as contribuições dos subprojetos se estendem a todos os envolvidos: coordenadores, supervisores, alunos bolsistas e alunos da educação básica. Talvez seja por este fator, e pela estreita relação entre teoria e prática, que o PIBID tem crescido significativamente nos últimos anos, como temos visto nos diálogos em congressos e encontros acadêmicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação nos dois subprojetos mencionados neste texto, possibilitou às bolsistas, futuras professoras, os primeiros contatos com a sala de aula e a proximidade com o trabalho realizado por docentes experientes na Educação Básica.

O PIBID proporciona a troca de experiências entre o universo acadêmico e escolar. Como já mencionamos, sua contribuição abarca a todos os que são diretamente envolvidos: a) para o professor coordenador, o exercício de hipóteses e a troca de experiências; b) para as supervisoras, a ampliação de suas práticas em sala de aula, a (re)aproximação com o universo acadêmico e até mesmo um incentivo para que deem continuidade a sua formação e; c) para os bolsistas, a oportunidade de ter uma formação profissional em escola pública no andamento de sua formação acadêmica, a estreita relação entre a teoria e a realidade da educação básica a partir da observação e intervenção no trabalho realizado pelas professoras



supervisoras e d) para os alunos do ensino médio, a assistência dos bolsistas, a contribuição na aprendizagem.

Através do PIBID o aluno bolsista passa a conhecer e entender melhor a sala de aula, começa a articular as maneiras de reunir a teoria estudada na universidade e as práticas dentro das escolas. Essa experiência é importantíssima na formação profissional docente, que tem a oportunidade de sair da universidade conhecendo a realidade do seu futuro ambiente de trabalho.

Outro ponto muito importante é poder conviver com a atuação de profissionais experientes, e poder entender que antes de tecer críticas aos professores que estão em atuação - como vemos bastante por aí a fora -, precisamos conhecer a situação *in loco* e, a partir desse contato, entender atitudes dos docentes e propor discussões que busquem alternativas para os empecilhos que surgem em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>. Acesso em: 30 de Março de 2015.

CASTILHO, A. T. **A língua falada no ensino de português**. 7º ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2011.

MORIN, E. **Os Setes Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2. ed. rev. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.